

Estudantes à saída do Secundário em 2017/2018



FICHA TÉCNICA

Título

Estudantes à saída do secundário em 2017/2018

Autores

Susana Fernandes, Patrícia Pereira, Ricardo Cotrim Santos, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro
Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI) / Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

Fax: (+351) 213 957 610

E-mail: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

ÍNDICE

Introdução	3
Sumário executivo.....	4
1. Perfil dos alunos	6
1.1 Distribuição por idade, sexo e oferta de educação e formação	6
1.2 Condição socioeconómica dos núcleos familiares dos alunos	8
2. Desempenho escolar à saída do secundário (CCH e CP)	9
2.1 Duração do trajeto escolar	9
2.2 Rendimento escolar.....	15
2.3 Frequência de explicações.....	19
3. Expetativas escolares à saída do ensino secundário	22
3.1 Expetativas gerais dos alunos à saída do secundário	22
3.2 Formação esperada e área de estudo desejada.....	24
Anexos.....	28

Introdução

A presente publicação apresenta os resultados definitivos da 7ª edição do inquérito “estudantes à saída do secundário”. Foi aplicado no ano letivo 2017/2018 junto dos alunos que estavam a frequentar o 12.º ano ou equivalente em escolas públicas e privadas de Portugal continental.

Este inquérito está inserido no âmbito do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES), projeto coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC) que tem como objetivo a monitorização e acompanhamento dos trajetos escolares e profissionais de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário em escolas públicas e privadas de Portugal Continental, sendo a riqueza da sua informação um apoio importante para a tomada de decisão ao nível local e central.

Para analisar os trajetos escolares dos estudantes do ensino secundário são aplicados três inquéritos em três momentos distintos do percurso:

- Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes anos e cursos: 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais e 10.º ano do ensino artístico especializado;
- Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes cursos: 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais, 12.º ano do ensino artístico especializado e 2.º ano dos cursos vocacionais;
- Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano.

A presente publicação centra-se na análise dos resultados do inquérito realizado entre março e setembro de 2018 aos “estudantes à saída do secundário” e tem, por isso, como referência o ano letivo 2017/2018. Esta operação estatística tem como objetivo conhecer os alunos que frequentam o 12.º ano (ou equivalente), recolhendo informação sobre: as origens socioeconómicas, as motivações associadas às opções escolares, o desempenho escolar, expectativas escolares e profissionais e, ainda, os seus hábitos de leitura.

Para mais informações sobre estes dados, contactar a Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt

Sumário executivo

A publicação “estudantes à saída do secundário, no ano letivo 2017/2018” – dados definitivos - está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a descrição destes jovens relativamente a características sociodemográficas tais como: género, idade e escolaridade dominante da família, numa análise comparativa por oferta de educação e formação. Nos capítulos seguintes direcionamos a análise para os jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais. No segundo capítulo analisamos o desempenho escolar dos jovens à saída do ensino secundário através da observação de variáveis como a duração do trajeto escolar ou a frequência de explicações. No terceiro capítulo, direcionamos o foco para as expectativas gerais dos alunos, formação esperada e área de estudo desejada.

Sumarizam-se, de seguida, os principais resultados de cada um dos três capítulos:

Capítulo 1 [*Perfil dos alunos*]: dos 95.353 alunos que frequentavam o 12.º ano ou equivalente no ano letivo 2017/18, 51,1% eram raparigas e 58,0% tinham idade igual ou inferior a 17 anos. Frequentavam principalmente um curso científico-humanístico (CCH) (62,7%) e 34,2% um curso profissional (CP). Os restantes (3,0%) frequentavam outras ofertas de educação e formação, tais como os cursos tecnológicos (CT), ensino artístico especializado (EAE) e cursos vocacionais (CV). Pertencem principalmente a núcleos familiares com o 2.º e 3.º ciclo do ensino básico (35,8%) e com o ensino secundário (30,5%). Relativamente à condição perante o trabalho, 75,4% dos estudantes inquiridos pertenciam a agregados familiares em que ambos os responsáveis exerciam uma profissão.

Capítulo 2 [*Desempenho escolar à saída do secundário (CCH e CP)*]: para a maioria dos estudantes de CCH (54,1%), o trajeto escolar até ao final do ensino secundário terá decorrido sem retenções nem alteração de percurso, uma vez que não revelam desvio etário; situação diferente da registada pelos estudantes dos cursos profissionais em que 73,9% apresentou um ou mais anos de desvio etário face à idade de referência. Analisando o trajeto escolar apenas ao nível do ensino secundário, cerca de 81% dos estudantes realizaram um trajeto escolar até à situação atual de frequência do último ano do ensino secundário sem desvios, com particular impacto nos estudantes dos CCH face aos estudantes dos CP. As reprovações/módulos em atraso (45,9%) e a mudança de curso (41,8%), foram as principais razões para o desvio etário durante o percurso no ensino secundário. E o facto de estudarem pouco foi a principal razão apontada para as reprovações (CCH 59,7% e CP 46,6%). Relativamente ao rendimento escolar global, cerca de 73% dos estudantes tinham tido um rendimento positivo a todas as disciplinas ou módulos frequentados (75,8% CCH e 67,6% CP). Na disciplina de Português, a maioria dos estudantes obteve um nível de rendimento entre os 10 e os 14 valores (62,2%). Na disciplina de língua estrangeira, os alunos dos CCH foram os que tiveram um rendimento elevado (cerca de 72% teve uma classificação igual ou superior a 15 valores). Na disciplina de Matemática, 14,9% dos estudantes inquiridos afirmou ter tido um rendimento negativo à disciplina, valor superior às restantes disciplinas

analisadas. As disciplinas às quais os estudantes mais explicações tiveram foram Matemática (CCH 78,2% e CP 49,9%) e Português (CCH 33,4% e CP 44,3%).

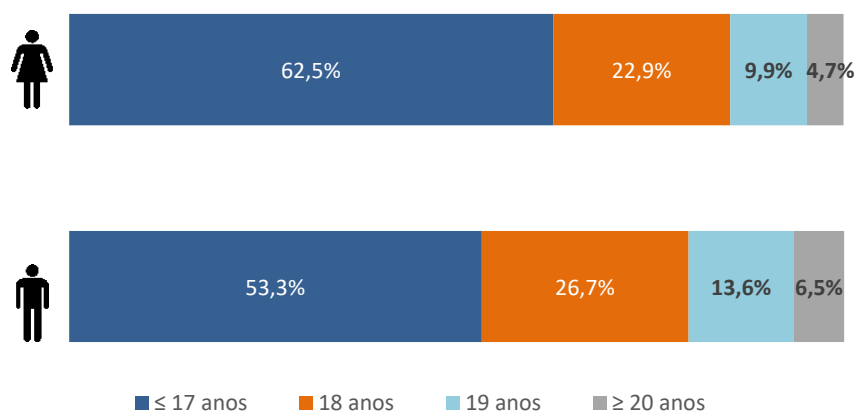
Capítulo 3 [*Expetativas escolares à saída do ensino secundário*]: em termos globais, não atendendo à oferta de educação e formação que os alunos frequentavam, a maioria (79,9%) queria continuar a estudar após completar o 12.º ano ou equivalente (94,7% CCH e 47,7% CP) e 18,7% pretendiam deixar de estudar após completar o 12.º ano. Para os que queriam continuar estudar, tanto os alunos dos CCH como os dos CP, tinham como principal expetativa a frequência de um curso superior universitário (respetivamente 83,4% e 42,3%), sendo as áreas da saúde e proteção social (18,0%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (16,5%), as mais pretendidas pelos estudantes dos CCH, e as área dos serviços (21,1%) e artes e humanidades (17,1%) as mais pretendidas pelos estudantes dos CP. Desempenhar a profissão desejada, ser o curso que gostariam de estudar, oferecer boas oportunidades de emprego e a qualidade do curso foram as razões mais apontadas pelos estudantes para a escolha do curso.

1. Perfil dos alunos

1.1 Distribuição por idade, sexo e oferta de educação e formação

No inquérito aos estudantes à saída do ensino secundário no ano letivo 2017/18, os alunos que frequentavam o 12.º ano ou equivalente, eram maioritariamente raparigas (51,1%) e, com idade igual ou inferior a 17 anos (58,0%), ou seja, evidenciando não apresentar desvios em relação à idade modal de frequência do 12.º ano. Os desvios em relação à idade modal de frequência no 12.º ano, que se podem dever a situações de reprovação, de interrupção ou de mudança de curso, são mais visíveis entre os rapazes, onde 20,1% tinham idades iguais ou superiores a 19 anos (14,6% no caso das raparigas) (Figura 1).

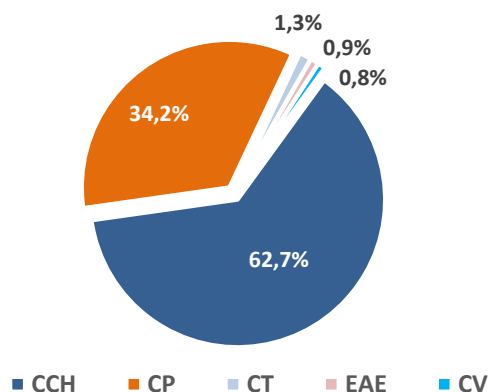
Figura 1 – Estudantes, por sexo e idade



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Estes estudantes frequentavam sobretudo um curso científico-humanístico (CCH) (62,7%) e 34,2% um curso profissional (CP). Os restantes (3,0%) frequentavam outras ofertas de educação e formação, tais como os cursos tecnológicos (CT), ensino artístico especializado (EAE) e cursos vocacionais (CV) (Figura 2).

Figura 2 – Estudantes, por oferta de educação e formação frequentada

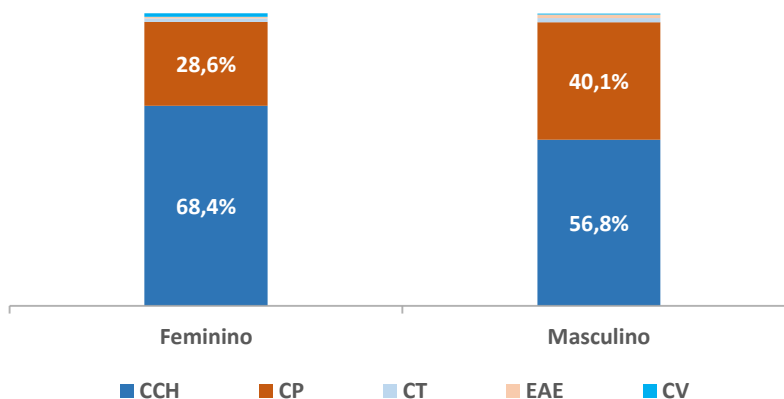


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Em termos percentuais, a presença das raparigas evidenciou-se principalmente nos cursos científico-humanísticos (68,4% mais 11,6 p.p. do que os rapazes). A presença dos rapazes é maioritária nos cursos profissionais (40,1% face a 28,6% das raparigas). As restantes ofertas de educação e formação registaram um valor residual de 3,0% tanto para os rapazes como para as raparigas (Figura 3).

Figura 3 – Estudantes, por oferta de educação e formação e sexo

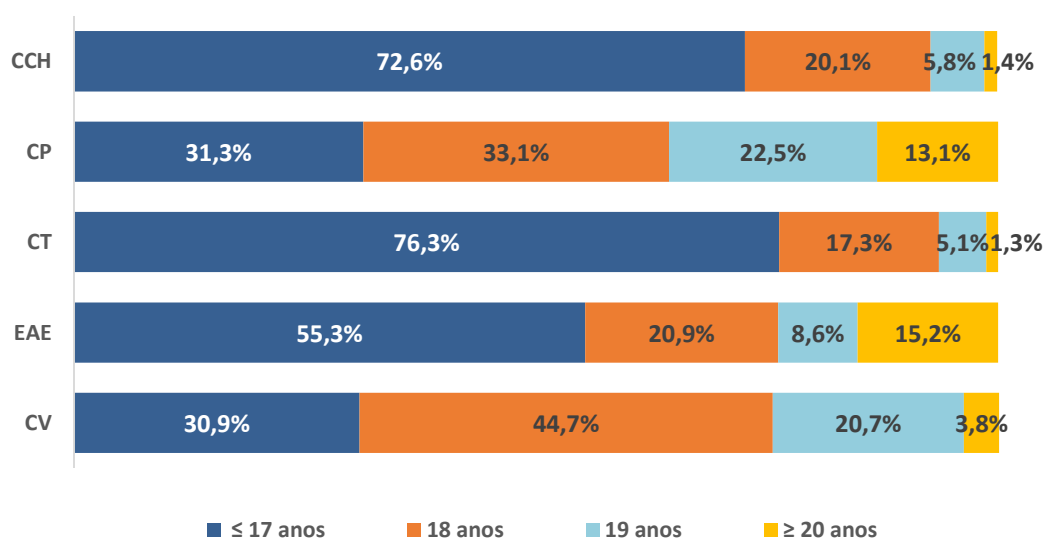


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Os estudantes que frequentaram os CCH, CT e EAE eram, em média, mais novos, estando sobretudo na faixa etária igual ou inferior a 17 anos. Por outro lado, os alunos dos CP e CV tinham, na maioria, uma idade igual ou superior a 18 anos (68,7% e 69,2% respetivamente) (Figura 4).

Figura 4 – Estudantes, por oferta de educação e formação e idade



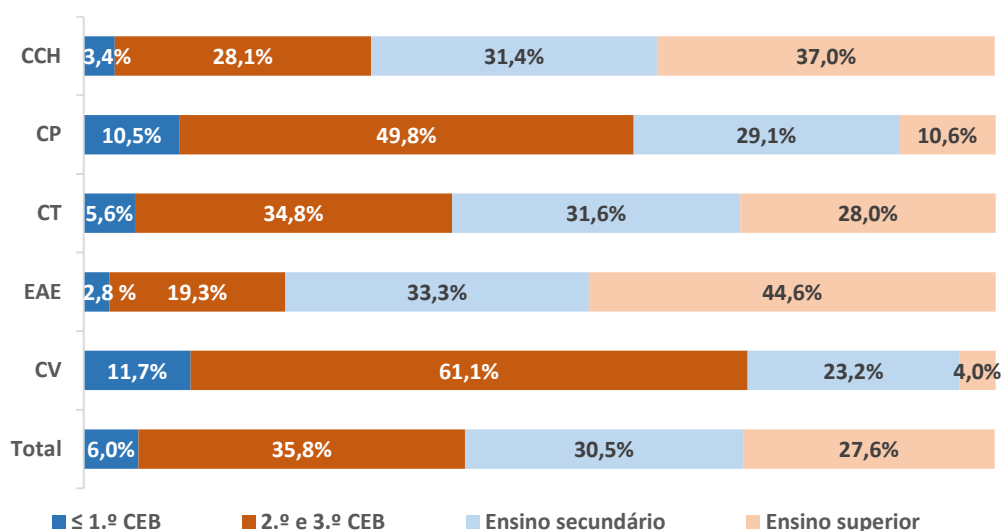
Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

1.2 Condição socioeconómica dos núcleos familiares dos alunos

Estes estudantes provinham de núcleos familiares com o 2.º e 3.º ciclo do ensino básico (35,8%) e o ensino secundário (30,5%). Aqueles que frequentavam os CCH (68,4%), o EAE (77,9%), e os CT (59,6%) pertenciam a famílias mais escolarizadas (ensino superior ou secundário) (Figura 5), e numa situação diferente estavam os estudantes que frequentavam os CV e os CP cujas famílias, maioritariamente, possuíam habilitações escolares inferiores ou iguais ao 3.º ciclo do ensino básico (CEB) (72,8% e 60,3% respetivamente).

Figura 5 – Estudantes, por oferta de educação e formação e nível de escolaridade dominante na família



Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CV – Cursos Vocacionais

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Relativamente à condição perante o trabalho da família, 75,4% dos estudantes inquiridos pertenciam a agregados familiares em que ambos os seus responsáveis exerciam uma profissão, e 18,9% onde um dos responsáveis trabalhava e o outro estava desempregado ou inativo. Exerciam a sua atividade profissional principalmente no grupo profissional¹ dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (23,2%), “operários, artífices e trabalhadores similares” (17,4%) e ainda “pessoal dos serviços e vendedores” (15,9%).

Analisando por oferta de educação e formação, observa-se que os núcleos familiares dos alunos dos CCH, CT e EAE estavam principalmente no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (29,3%, 22,2% e 36,3% respetivamente), enquanto os familiares dos estudantes dos CP e CV estavam sobretudo no grupo dos “operários, artífices e trabalhadores similares” (25,9% e 27,2%, respetivamente) e “pessoal dos serviços e vendedores” (19,3% e 23,1%, respetivamente).

¹ Classificação portuguesa das profissões (CPP) 2010, ao nível do Grande Grupo

2. Desempenho escolar à saída do secundário (CCH e CP)

Os estudantes inquiridos encontravam-se todos no último ano do ensino secundário. Mas como foram os seus trajetos até ao momento de inquirição? Qual foi o desempenho escolar nas várias disciplinas? Será que foi semelhante para os estudantes dos CCH e CP? Quais as razões que levam os estudantes a seguir diferentes trajetos? Qual o peso das características socioeconómicas das famílias nos trajetos destes estudantes? Será o contexto escolar diferenciador no desempenho e percursos dos estudantes inquiridos?

Estas são algumas das questões que pretendemos dar resposta nesta análise.

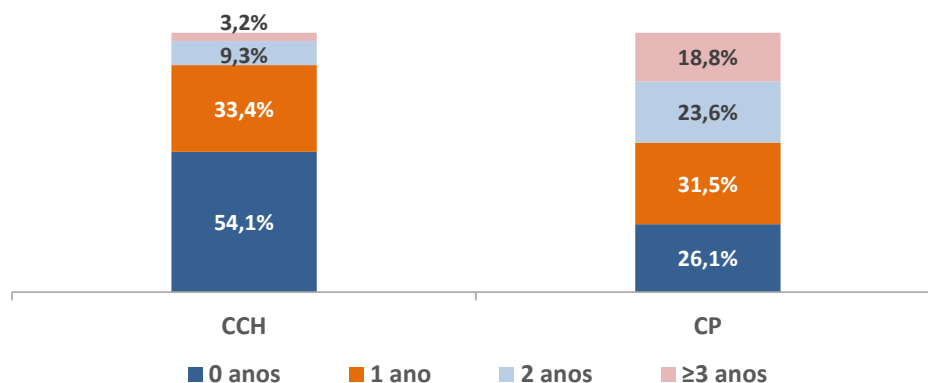
Para conhecer o desempenho escolar dos estudantes à saída do ensino secundário, analisou-se a duração do trajeto escolar a dois níveis: 1) desde o início do ensino básico até ao momento²: 12.º ano do ensino secundário no caso dos estudantes dos CCH e 3.º ano do ensino secundário no caso dos estudantes dos CP e 2) desde o início do ensino secundário, ou seja, 10.º ao 12.º ano no caso dos estudantes dos CCH e 1.º ao 3.º ano no caso dos estudantes dos CP, e o nível de rendimento escolar ao longo do secundário.

2.1 Duração do trajeto escolar

A idade dos alunos ao concluírem o ensino secundário é um indicador importante sobre a duração/desvios dos seus percursos escolares. Os alunos que concluem com idades acima da idade de 18 anos, medida a 31 de dezembro de 2017, apresentam desvios devido a diferentes situações, nomeadamente: reprovação, interrupção de estudos ou mudança de curso durante os seus percursos no ensino básico ou secundário. Como ocorreram os trajetos escolares destes estudantes até ao ensino secundário? Analisa-se agora esses trajetos.

2.1.1 Trajeto escolar do ensino básico até ao momento de inquirição

Figura 6 – Estudantes, por oferta de educação e formação e número de anos de desvio etário no trajeto escolar



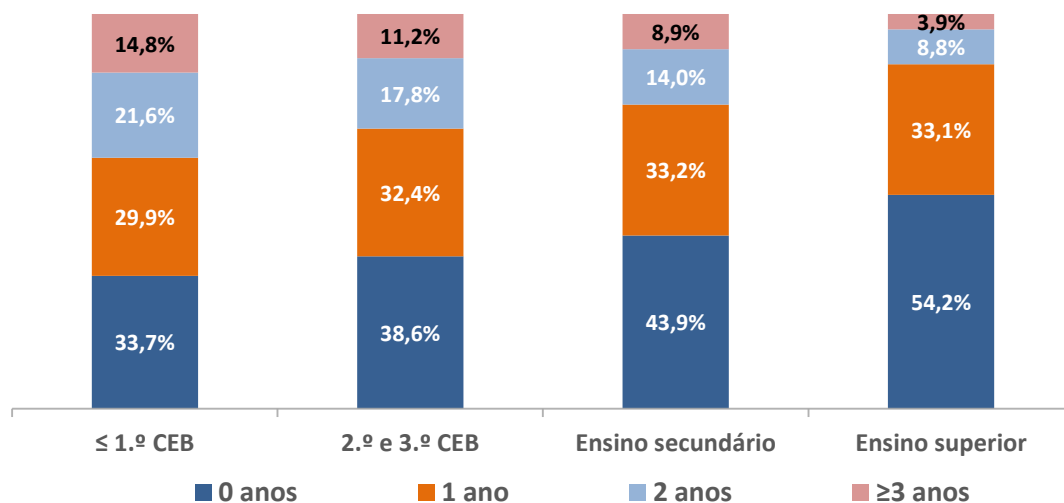
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

² Incluem-se os alunos nascidos entre 16 de setembro e 31 de dezembro que, com 5 anos, adiaram a sua entrada no 1.º ciclo do ensino básico, e ao fazerem um percurso sem desvios na data da inquirição tinham 18 anos.

Para a maioria dos estudantes dos CCH (54,1%), o trajeto escolar até ao ensino secundário decorreu sem nenhum desvio, situação diferente da registada pelos estudantes dos cursos profissionais em que 73,9% apresentou um ou mais anos de desvio etário ao longo do seu percurso escolar (Figura 6).

Para ambas as ofertas de educação e formação, os trajetos escolares sem registo de desvios foram superiores nas raparigas (47,2% face a 41,1% para os rapazes), nos estudantes a frequentar o ensino público (46,7% face a 36,0% no ensino privado), e para os estudantes cujo o nível de escolaridade da família era mais elevada (ensino superior - 54,2% face $\leq 1.^\circ$ CEB – 33,7%) (Figura 7).

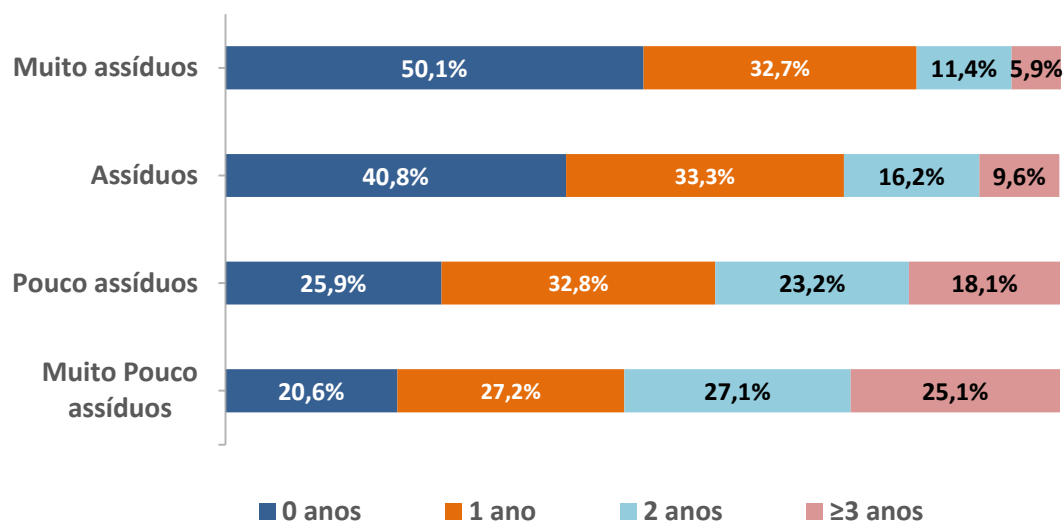
Figura 7 - Estudantes dos CCH e CP, por nível de escolaridade dominante na família e número de anos de desvio etário no trajeto escolar



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Uma das características que se mostrou mais diferenciadora foi o nível de assiduidade do aluno. Como se pode observar na figura 8, foram os alunos que mais se classificaram como assíduos (40,8%) ou muito assíduos (50,1%) que evidenciaram não apresentar desvio etário ao longo do seu percurso escolar. Por outro lado, os que mais se classificaram como pouco (41,3%) ou muito pouco assíduos (52,2%) foram os que apresentaram desvios etários maiores, iguais ou superiores a 2 anos.

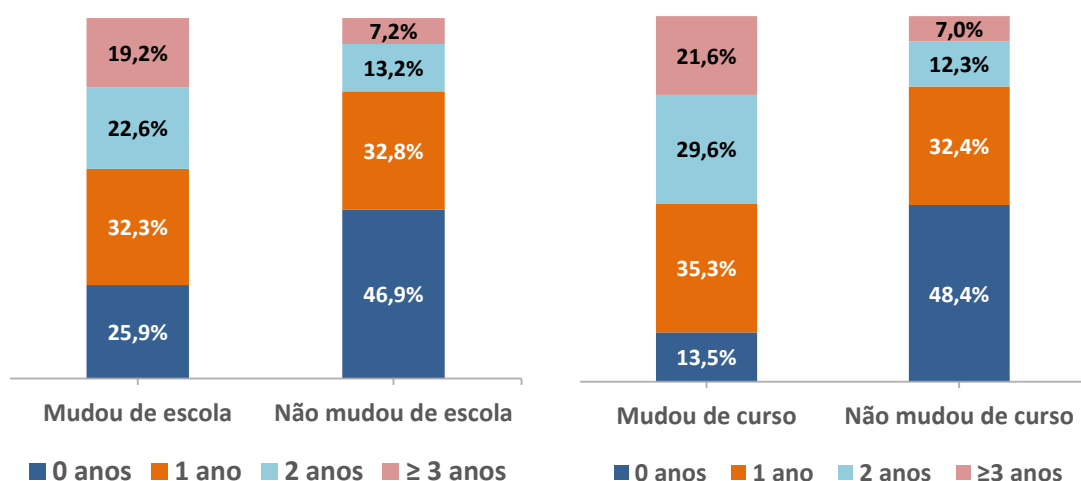
Figura 8 - Estudantes dos CCH e CP, por nível de assiduidade durante o secundário e número de anos de desvio etário no trajeto escolar



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Também fica claro que tanto uma mudança de curso, como uma mudança de escola tem impacto no trajeto escolar dos estudantes. Apenas 13,5% daqueles que mudaram de curso não apresentaram desvios face aos cerca de 48,4% dos estudantes que não mudaram de curso e não registaram nenhum desvio de trajeto escolar. Para os que mudaram de escola a tendência é semelhante, mas menos expressiva, cerca de 25,9% não apresentaram nenhum desvio face aos 46,9% dos que não mudaram de escola (Figura 9 e 10)

Figura 9 e 10 - Estudantes dos CCH e CP, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar e mudança de curso e escola durante o secundário

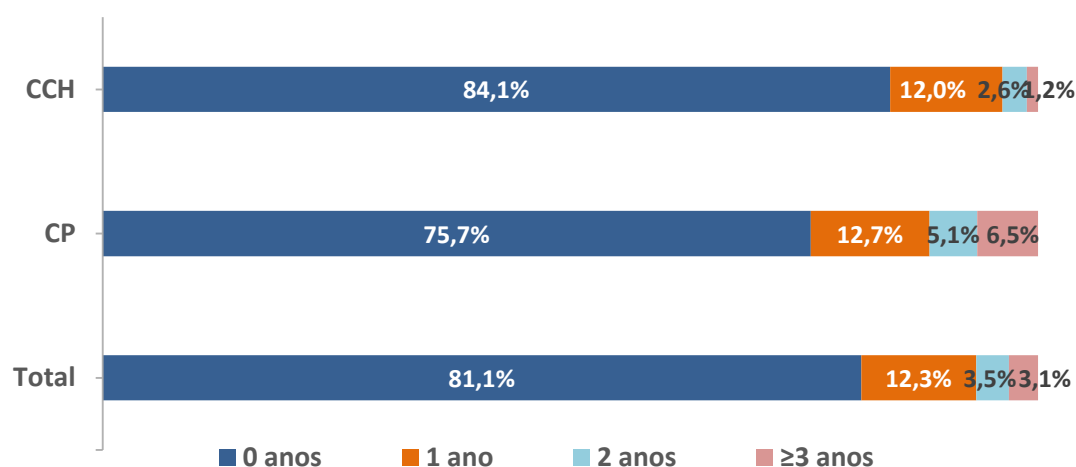


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

2.1.2 Trajeto escolar durante o secundário

Analisando o trajeto escolar apenas ao nível do ensino secundário, observa-se uma realidade distinta. Em ambas as ofertas de educação e formação, cerca de 81% dos estudantes realizaram um trajeto escolar até à situação atual de frequência do último ano do ensino secundário sem desvios, com particular impacto nos estudantes dos CCH (84,1%) face aos estudantes dos CP (75,7%) (Figura 11).

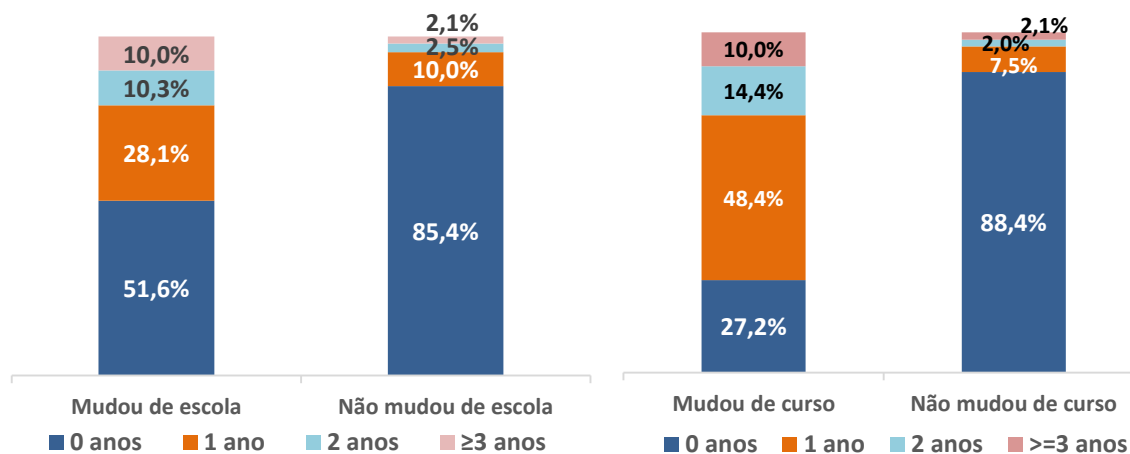
Figura 11 – Estudantes, por oferta de educação e formação e número de anos de desvio etário no trajeto escolar no secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Por sexo, continuam a ser as raparigas com maior proporção do que os rapazes a realizarem percursos sem desvios (83,7% face a 78,4% dos rapazes). Os percursos sem desvios também acontecem de forma mais expressiva nos alunos que estudam em exclusivo (82,7%) face aos trabalhadores estudantes (70,4%). Mas principalmente, o fator que se revelou mais diferenciador foi o aluno ter mudado de curso ou de escola durante o seu percurso no ensino secundário, pois foram os alunos que afirmaram não ter passado por nenhuma dessas mudanças 88,4% e 85,4% respetivamente, que não apresentavam desvios ao longo do ensino secundário (Figuras 12 e 13).

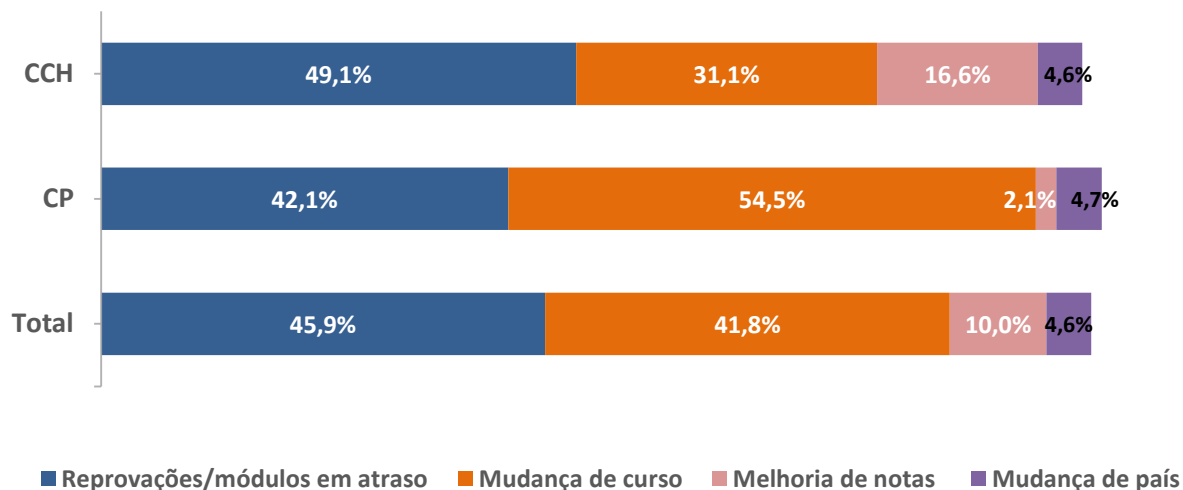
Figuras 12 e 13 - Estudantes dos CCH e CP, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar no secundário e mudança de curso e escola durante o secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

As reprovações/módulos em atraso (45,9%) com maior expressão nos CCH (49,1% face a 42,1% nos CP) e a mudança de curso (41,8%), principalmente no caso dos estudantes dos CP (54,5% face a 31,1% nos CCH), foram as principais razões para o desvio etário durante o percurso no ensino secundário. A melhoria de notas foi a terceira razão mais apontada para os estudantes dos CCH (16,6%) e a mudança de país para os estudantes dos CP (4,7%) (Figura 14).

Figura 14 – Estudantes, por oferta de educação e formação e principais razões para o desvio etário durante o ensino secundário



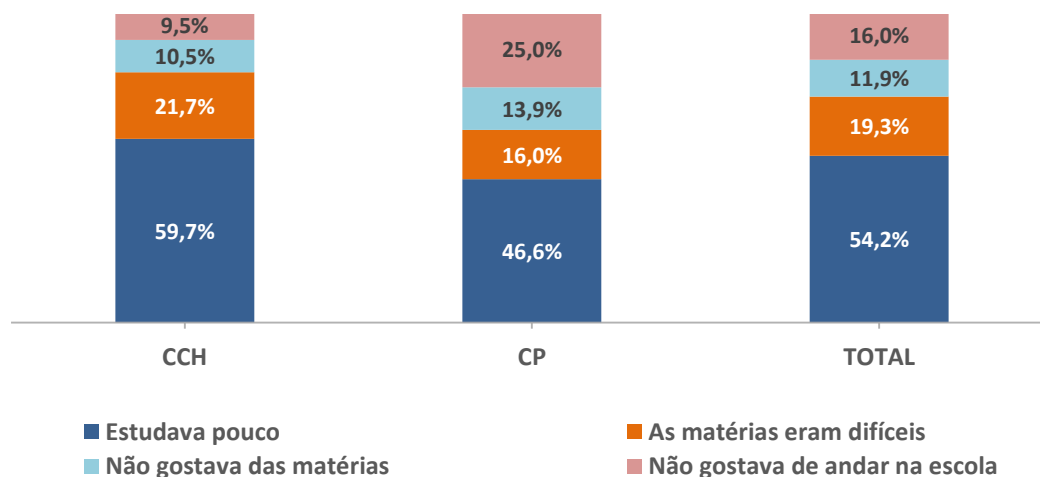
Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Para cerca de 46% dos estudantes a principal razão para os desvios no trajeto escolar ao longo do ensino secundário foram as reprovações. Mas quais as principais razões enunciadas para a reprovação?

O facto de estudarem pouco foi a principal razão apontada (CCH 59,7% e CP 46,6%). As outras razões têm pesos diferentes nos estudantes dos dois cursos: enquanto que para os dos CP a segunda razão com mais peso para a reprovação foi não gostarem de andar na escola (25,0%) para os estudantes dos CCH foi a dificuldade das matérias (21,7%) (Figura 15).

Figura 15 – Estudantes, por oferta de educação e formação e principais razões para terem reprovado ou terem módulos em atraso

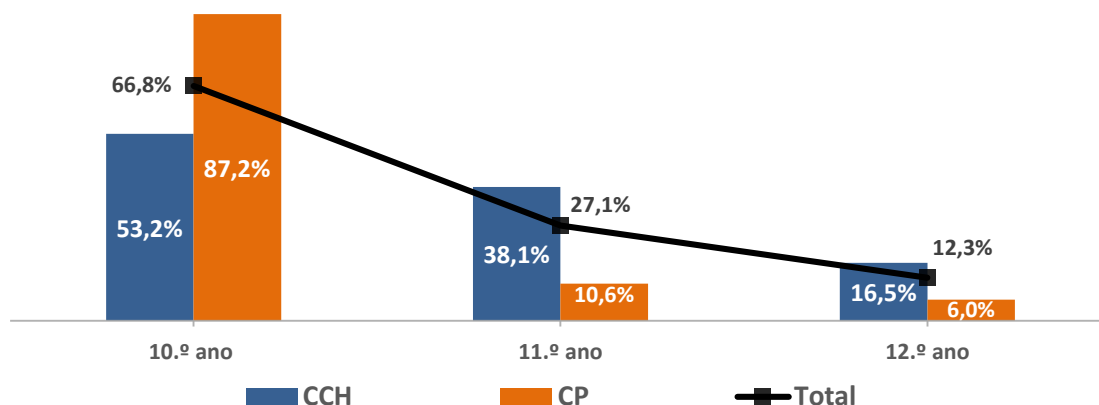


Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Durante o ensino secundário, o ano letivo que os estudantes referiram mais ter reprovado ou deixado módulos em atraso foi o 10.º ano (66,8%) seguindo-se o 11.º ano (27,1%). O insucesso no 10.º ano foi referido mais vezes pelos estudantes que frequentavam CP do que pelos que frequentavam CCH (87,2% e 53,2% respetivamente). Enquanto no 11.º o número de reprovações referidas pelos estudantes dos CCH, foram superiores às indicadas pelos estudantes dos CP (38,1% face a 10,6% respetivamente) (Figura 16).

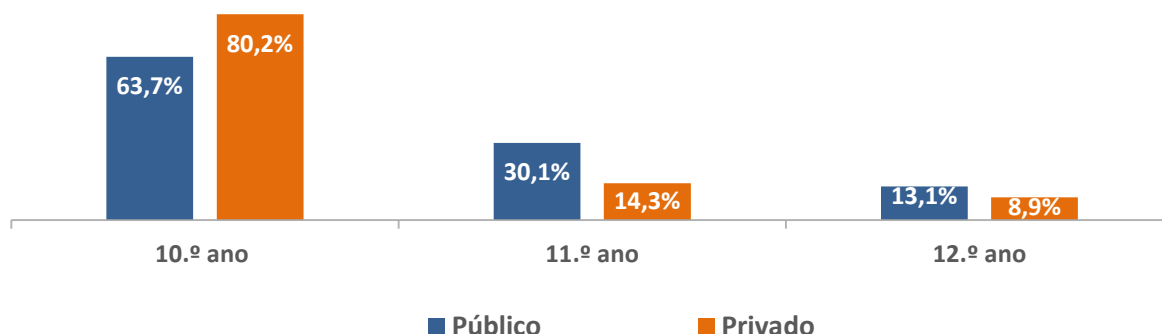
Figura 16 – Estudantes, por oferta de educação e formação e ano escolar da reprovação ou dos módulos em atraso



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Por natureza de estabelecimento de ensino também se observam diferenças. Foram os estudantes do ensino privado que referiram um maior número de reprovações no 10.º ano (80,2%) mais 16,5 p.p. do que aqueles que frequentavam o ensino público. Por outro lado, no 11.º ano foi mais frequente nos estudantes do ensino público (30,1% face a 14,3% dos estudantes do ensino privado) (Figura 17).

Figura 17 – Estudantes dos CCH e CP, por natureza do estabelecimento de ensino e ano escolar da reprovação ou dos módulos em atraso



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

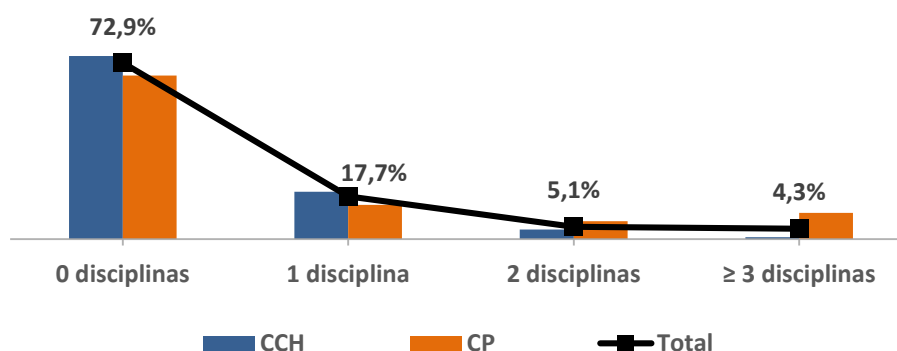
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

2.2 Rendimento escolar

A média das classificações no ensino secundário assume uma grande importância na vida dos estudantes e, em particular, para aqueles que pretendem prosseguir os estudos.

Relativamente ao rendimento escolar global dos alunos e às disciplinas de português, matemática e línguas estrangeiras, no momento da inquirição cerca de 73% dos estudantes tinham tido um rendimento positivo a todas as disciplinas ou módulos frequentados (75,8% CCH e 67,6% CP), e apenas 17,7% afirmaram ter tido rendimento negativo a uma disciplina (19,6% CCH e 14,2% CP) (Figura 18).

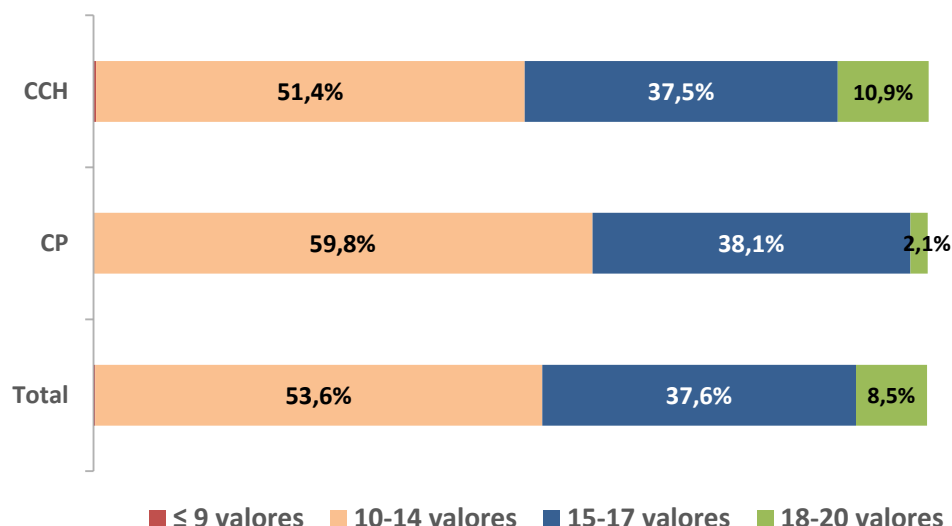
Figura 18 – Estudantes, por oferta de educação e formação e nº de disciplinas ou módulos com um nível de rendimento escolar insuficiente



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

No que diz respeito à média global das classificações obtidas pelos estudantes no último momento de avaliação, constata-se que as médias mais elevadas – superiores ou iguais a 15 valores – pertenciam aos estudantes que frequentavam CCH (48,4% face a 40,2% dos CP) (Figura 19).

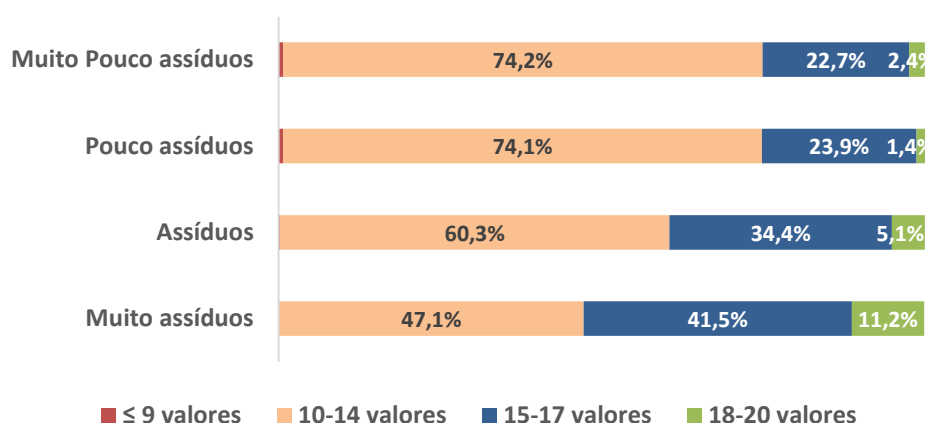
Figura 19 – Estudantes, por oferta de educação e formação e média global das classificações (no último momento de avaliação)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Relativamente aos alunos que obtiveram melhores classificações (15 - 20 valores), foram principalmente os estudantes que frequentavam o ensino privado (56,8% face a 43,4% dos estudantes que frequentavam o ensino público), raparigas (53,3% face a 38,5% dos rapazes) pertencentes a núcleos familiares com ensino superior (60,2% face a 35,0% dos estudantes com núcleos familiares com escolaridade igual ou inferior ao 1.º ciclo), que apenas estudavam (47,7% face a 35,1% dos inquiridos que estudavam e trabalhavam), com um percurso no ensino secundário sem anos de desvio (49,3% face a 35,3% dos estudantes com 3 ou mais anos de desvios), e que se declararam como muito assíduos (52,7% face a 25,1% que se classificaram de muito pouco assíduos) (Figura 20).

Figura 20 - Estudantes dos CCH e CP, por nível de assiduidade no secundário e média global das classificações no último momento de avaliação



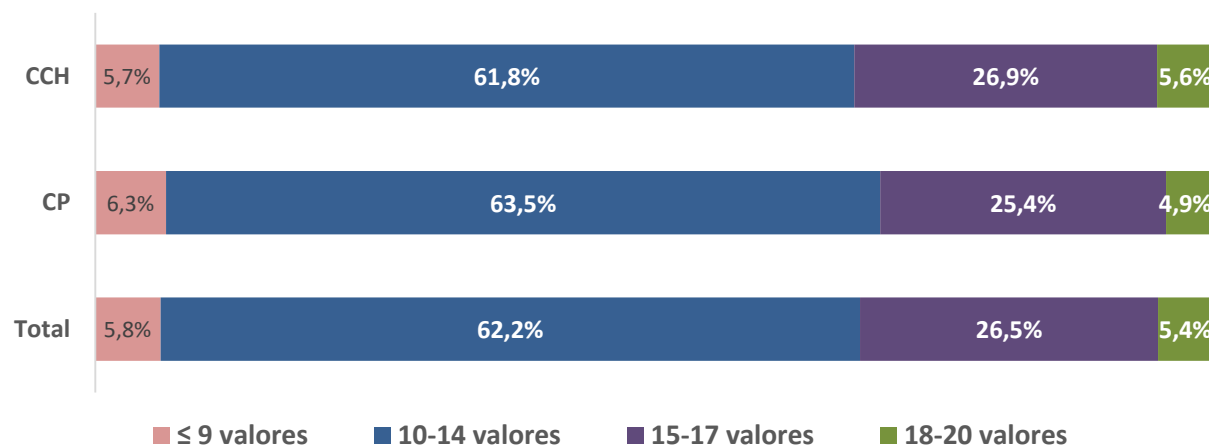
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Para compreender melhor o rendimento escolar dos estudantes, analisou-se o rendimento às disciplinas base nas diversas modalidades do ensino secundário, tais como o português, a língua estrangeira e a matemática. Importa referir que as línguas estrangeiras disponíveis no plano curricular dos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais são o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e, mais recentemente, também o mandarim³.

2.2.1 Rendimento às disciplinas de português, línguas estrangeiras e matemática

Na disciplina de português, a maioria dos estudantes obteve um nível de rendimento entre os 10 e os 14 valores (62,2%) e 26,5% entre os 15 e os 17 valores (Figura 21). A distribuição é semelhante quando se diferencia por oferta de educação e formação, onde mais de 61% dos estudantes afirmou ter um rendimento à disciplina de português entre os 10 e os 14 valores. Os alunos dos CCH, foram os que mais tiveram classificações de excelência – entre os 18 e os 20 valores (5,6%), tendo os estudantes dos CP uma maior proporção de classificações negativas e menor proporção de classificações de excelência (6,3% tiveram classificações menores ou iguais a 9 valores e 4,9% classificações ≥ 18 valores).

Figura 21 – Estudantes, por oferta de educação e formação e nível de rendimento à disciplina de português

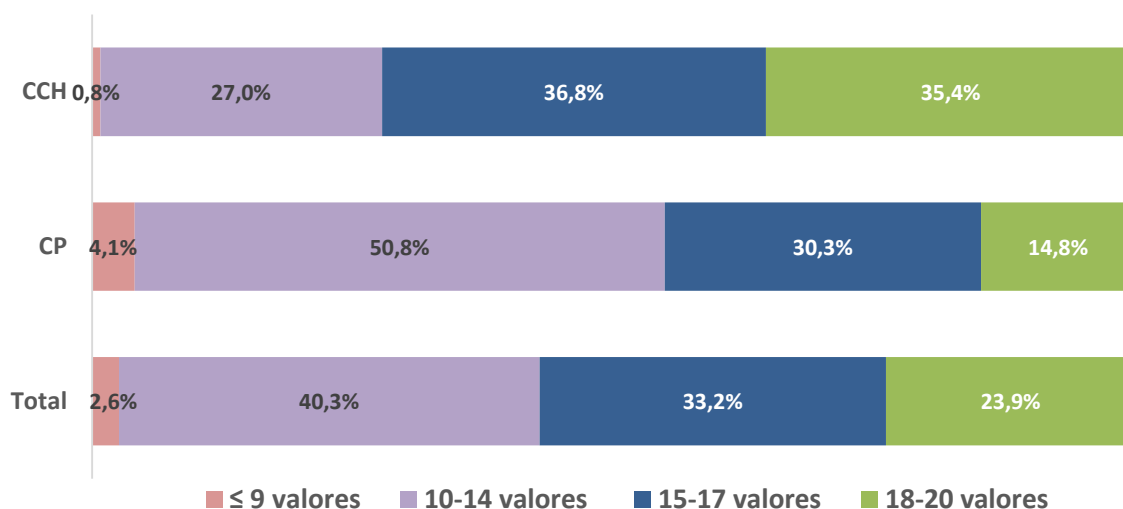


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Na disciplina de língua estrangeira, a distribuição é mais diferenciada. Os alunos dos CCH foram os que tiveram um rendimento mais elevado, em que cerca de 72% teve uma classificação igual ou superior a 15 valores. Os estudantes que frequentavam CP revelaram ter mais dificuldades, uma vez que 50,8% tiveram uma classificação entre os 10 e os 14 valores, 4,1% tiveram um rendimento negativo e só 14,8% indicou ter tido um rendimento de excelência (igual ou superior a 18 valores) face aos 35,4% dos estudantes dos CCH na mesma situação (Figura 22).

³ A oferta do Mandarim como Língua Estrangeira foi introduzida nos currículos apenas no ano letivo 2015/16, em 12 escolas do ensino público e apenas nos cursos científico-humanísticos (Despacho n.º 7031-A/2015).

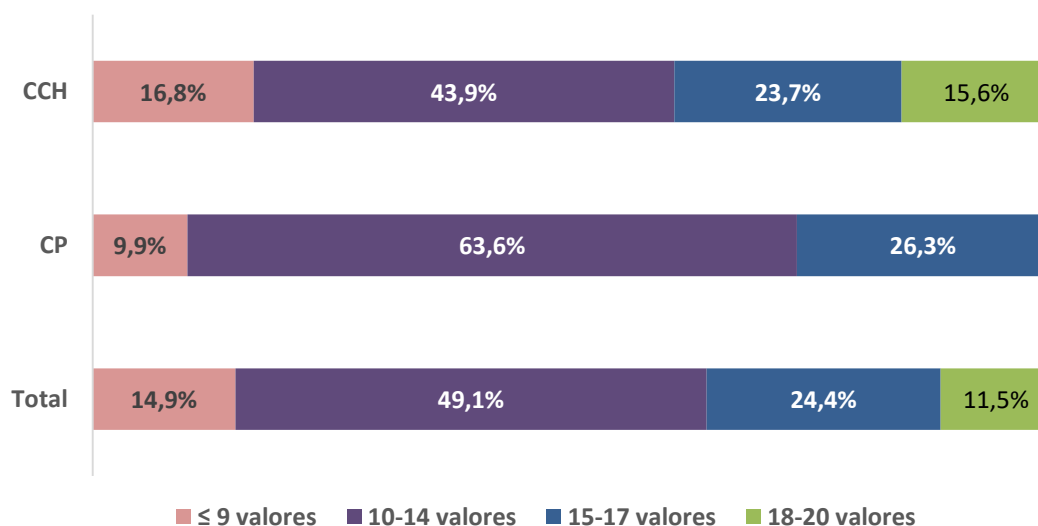
Figura 22 – Estudantes, por oferta de educação e formação e nível de rendimento à disciplina de língua estrangeira



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Na disciplina de matemática, 14,9% dos estudantes inquiridos afirmou ter tido um rendimento negativo à disciplina, valor superior às restantes disciplinas analisadas. Esta proporção foi maior para os estudantes que frequentavam CCH (16,8%) face aos alunos dos CP (9,9%). Nos estudantes dos CP, a maioria 63,6% teve um rendimento entre 10 e 14 valores. Por outro lado, 67,6% dos alunos dos CCH admitiram ter classificações entre os 10 e os 17 valores (Figura 23).

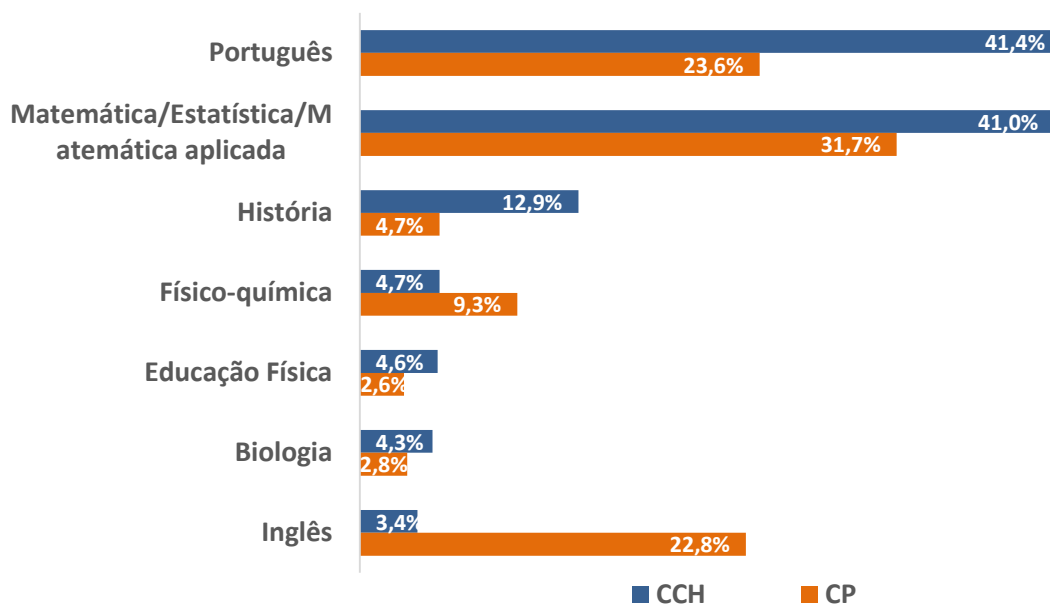
Figura 23 – Estudantes, por oferta de educação e formação e nível de rendimento à disciplina de matemática



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Quando questionados sobre as disciplinas a que tiveram mais dificuldades ao longo do ano letivo, a matemática foi a mais referida pelos alunos dos CP (31,7%). Os alunos dos CCH tanto referiram a disciplina de português (41,4%) como a de matemática (41,0%). O inglês foi principalmente referido pelos estudantes dos CP (22,8% face a 3,4% dos alunos dos CCH) (Figura 24).

Figura 24 – Estudantes, por oferta de educação e formação e disciplina com maior grau de dificuldade



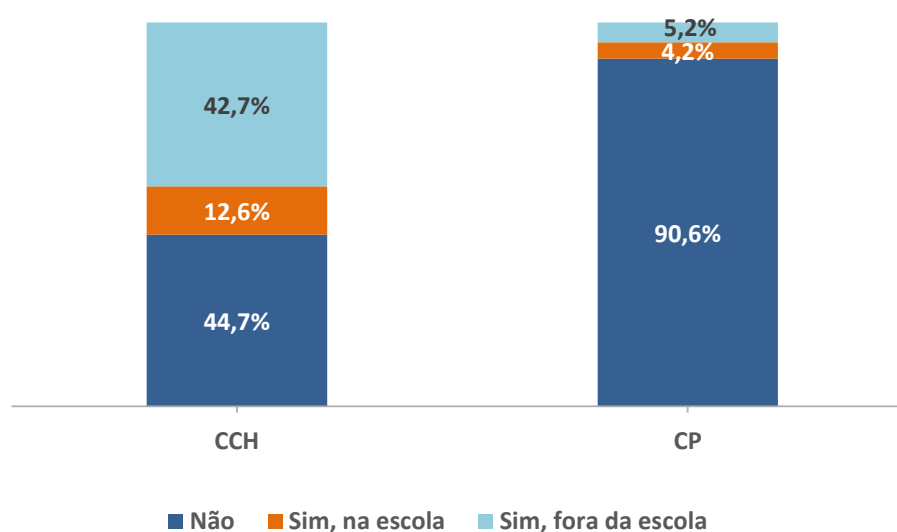
Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

2.3 Frequência de explicações

A esmagadora maioria dos alunos que frequentavam CP (90,6%) não tiveram explicações/aulas de apoio durante o ano letivo 2017/2018. Numa situação diferente estavam os alunos dos CCH, cuja maioria teve explicações (55,3%), principalmente fora da escola (42,7%) (Figura 25).

Figura 25 – Estudantes, por oferta de educação e formação e frequência de explicações

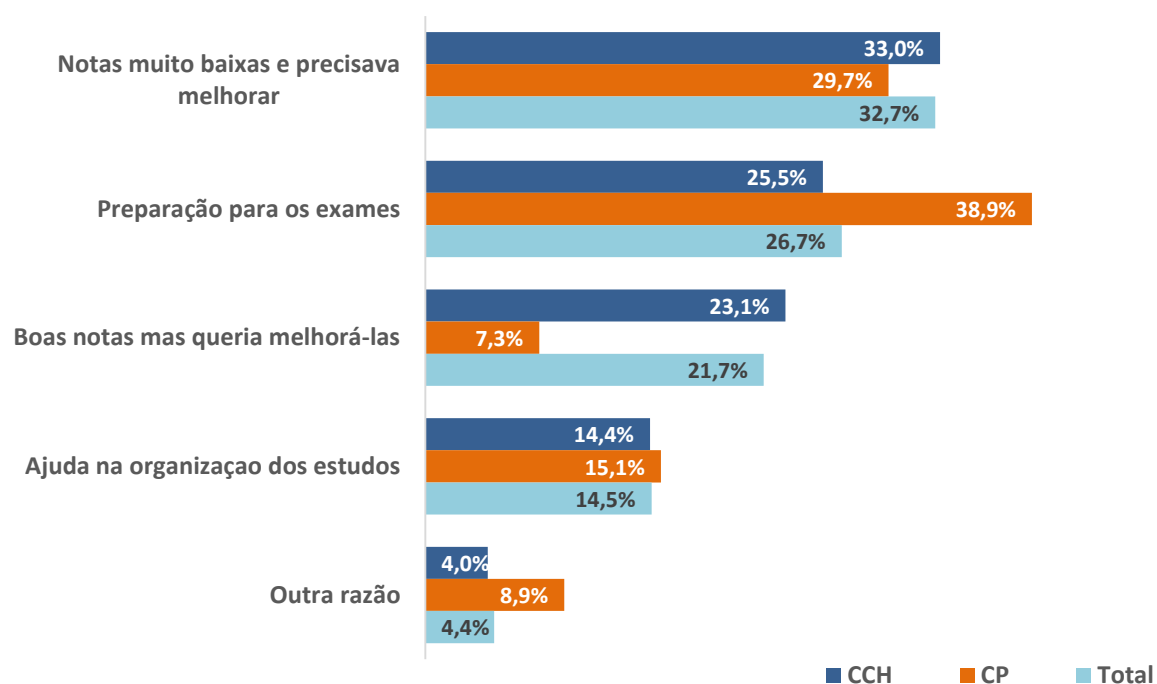


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

As raparigas foram as que mais tiveram explicações ou aulas de apoio durante o ano letivo em análise, (42,3% face 35,8% dos rapazes) e também os estudantes do ensino público (42,7% face a 26,8% do ensino privado).

Os principais motivos para frequentarem explicações foram terem tido notas muito baixas (32,7%), para preparar para os exames (26,7%) e a melhoria de (boas) notas (21,7%). Analisando por oferta de educação e formação existem algumas diferenças, nomeadamente relativamente à segunda razão mais apontada por todos os estudantes inquiridos, em que a preparação para os exames atinge um peso superior nos estudantes dos cursos CP face aos estudantes que frequentavam CCH (38,9% face a 25,5% respetivamente), o contrário acontece com a terceira razão mais apontada: “melhorar (boas) notas” com um peso três vezes maior nos estudantes que frequentavam CCH face aos estudantes dos CP (23,1% face a 7,3% respetivamente) (Figura 26) .

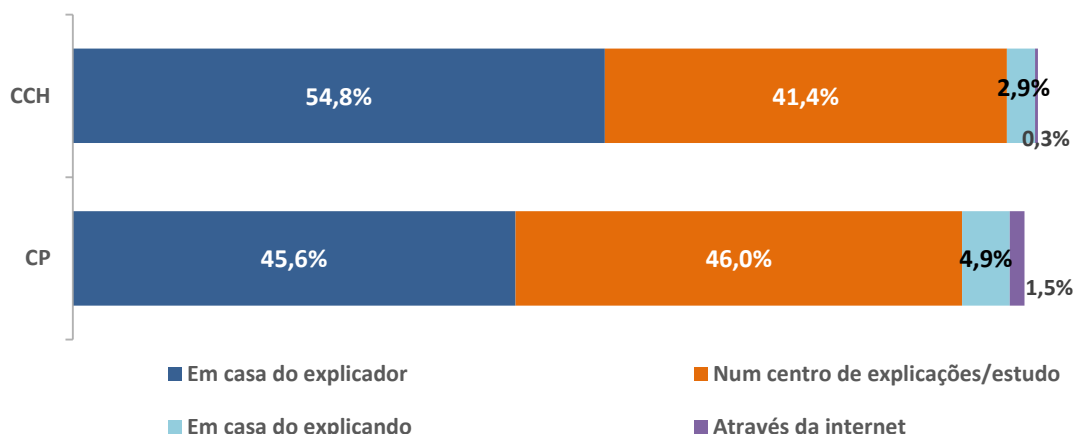
Figura 26 – Estudantes, por oferta de educação e formação e principais motivos para a frequência de explicações



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Os locais onde tiveram explicações foram principalmente em casa do explicador (CCH 54,8% e CP 45,6%) e num centro de explicações/estudo (CCH 41,4% e CP 46,0%) (Figura 27).

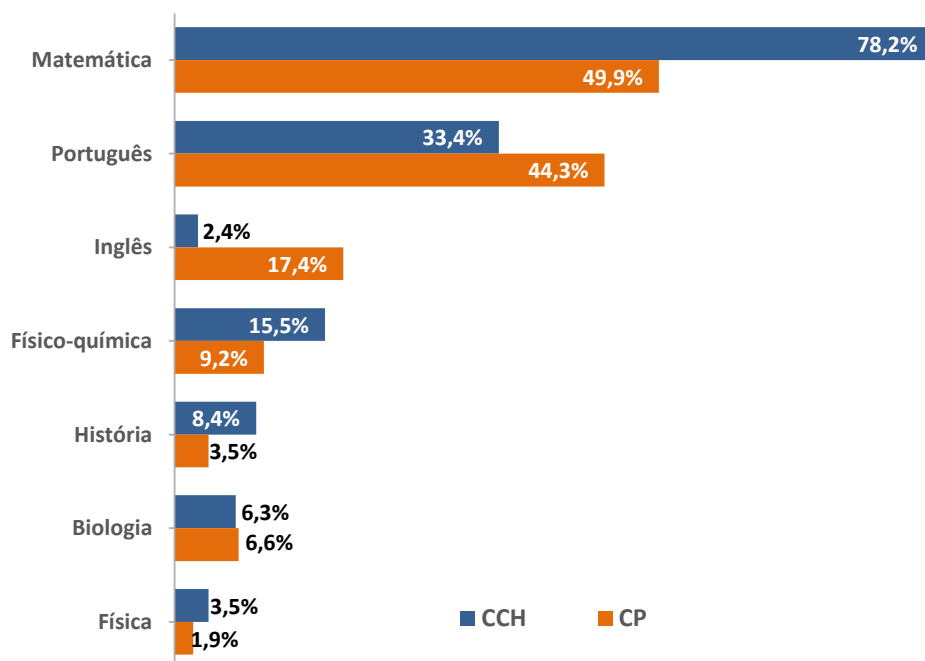
Figura 27 – Estudantes, oferta de educação e formação e por local das explicações (realizadas fora da escola)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

As disciplinas às quais os estudantes mais explicações tiveram foram a matemática (CCH 78,2% e CP 49,9%) e português (CCH 33,4% e CP 44,3%). A disciplina de físico-química foi principalmente referida pelos estudantes dos CCH (15,5%, mais 6,3 p.p. do que pelos estudantes dos CP), sendo a disciplina de inglês a mais referida pelos estudantes que frequentavam CP (17,4%) face a apenas 2,4% dos estudantes dos CCH (Figura 28).

Figura 28 – Estudantes, por oferta de educação e formação e disciplinas a que tiveram explicações



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

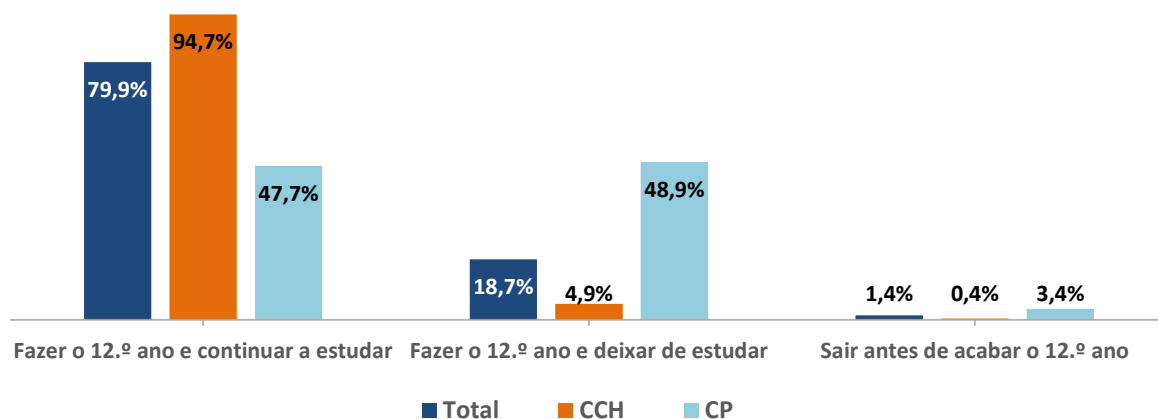
3. Expetativas escolares à saída do ensino secundário

A escolha da oferta de educação e formação e do curso tem subjacente um trajeto escolar definido pelo aluno, segundo as suas expetativas para o pós-secundário. Quais as aspirações dos alunos no fim do ensino secundário em relação ao seu percurso escolar e ao seu futuro profissional? O que esteve subjacente às suas escolhas? Quem foram os principais apoios para as escolhas de formação pós-secundária? São estas algumas das questões a que se tenta dar resposta neste capítulo.

3.1 Expetativas gerais dos alunos à saída do secundário

Numa análise dos resultados observou-se que, independentemente da oferta de educação e formação que os alunos frequentavam, a maioria (79,9%) queria continuar a estudar após completar o 12.º ano ou equivalente e 18,7% pretendiam deixar de estudar após completar o 12.º ano (Figura 29). É claro que as expetativas escolares dos alunos dos CCH são bastante diferentes das dos CP: 94,7% dos alunos que escolheram frequentar um curso CCH tinham como aspiração continuar a estudar após a conclusão do ensino secundário, enquanto as expetativas dos alunos que escolheram frequentar um curso CP mostravam que 48,9% pretendia concluir o ensino secundário e deixar de estudar.

Figura 29 – Estudantes, por oferta de educação e formação e expetativas de percurso escolar



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Estes dados acabam por estar de acordo com os objetivos de cada uma das ofertas de educação e formação, na medida em que os CCH se destinam mais ao prosseguimento de estudos e os CP estão mais orientados para a integração imediata no mercado de trabalho.

Para os cerca de 19% dos alunos que manifestavam querer deixar de estudar após completarem a escolaridade obrigatória, as razões mais apontadas em ambas as ofertas de educação e formação foram o facto de quererem ter independência financeira, arranjando trabalho para ter o seu próprio dinheiro (CCH 39,1%, e CP 56,8%) e de não gostarem de estudar (CCH 45,3% e CP 46,7%) (Figura 30).

Figura 30 – Estudantes, por oferta de educação e formação e principais razões para não prosseguir estudos após a conclusão do secundário



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Estes estudantes utilizaram a escola como apoio para esclarecimento sobre formação pós-secundária. O tipo de informação que procuraram foi sobretudo sobre cursos no ensino superior (CCH 81,0% e CP 76,9%), esclarecimento de professores (CCH 65,6% e CP 80,2%) e informações sobre possíveis profissões a desenvolver na área pretendida (CCH 64,7% e CP 81,3%). Os serviços de psicologia e orientação das escolas foram indicados por cerca de 19% e 22% dos alunos dos CCH e CP respetivamente, como um recurso na tomada de decisão (Figura 31).

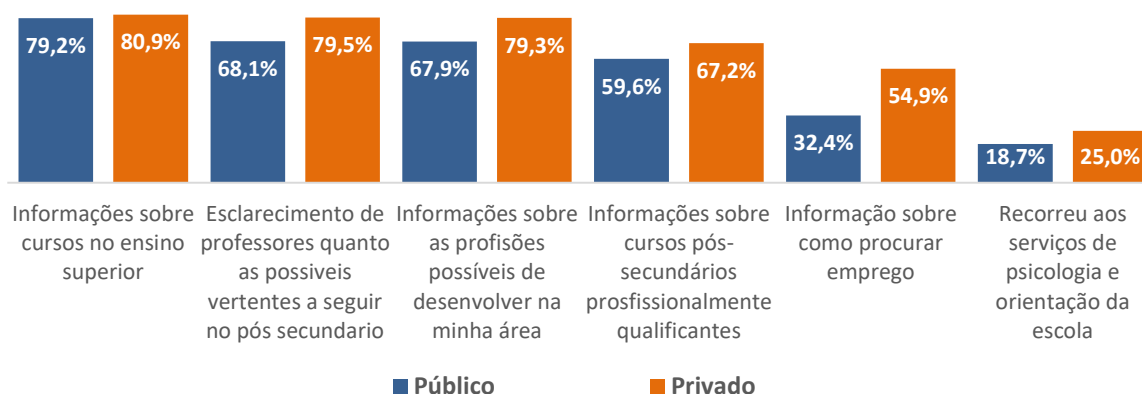
Figura 31 – Estudantes, por oferta de educação e formação e apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária existente



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Por natureza de estabelecimento de ensino, observou-se que os estudantes do ensino privado em comparação com os alunos que frequentavam o ensino público, recorreram mais a esclarecimentos de professores (79,5% face a 68,1% dos alunos do ensino público), a informações sobre profissões possíveis de desenvolver na área pretendida (79,3% face a 67,9% dos alunos do ensino público) e a informações de como procurar emprego (54,9% face a 32,4% dos alunos que frequentavam escolas públicas) como recurso de tomada de decisão sobre formação pós-secundária (Figura 32).

Figura 32 – Estudantes, por natureza do estabelecimento de ensino e apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária existente

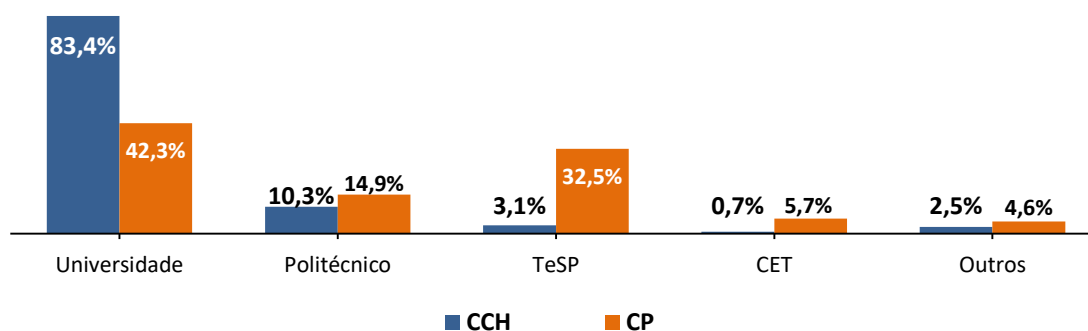


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

3.2 Formação esperada e área de estudo desejada

Os alunos que consideravam prosseguir estudos, quando questionados sobre a formação que pretendiam frequentar, verificou-se que tanto os alunos dos CCH, como os dos CP tinham como principal expectativa a frequência de um curso superior universitário (respetivamente 83,4% e 42,3%) (Figura 33).

Figura 33 - Estudantes, por oferta de educação e formação e formação esperada no pós-secundário

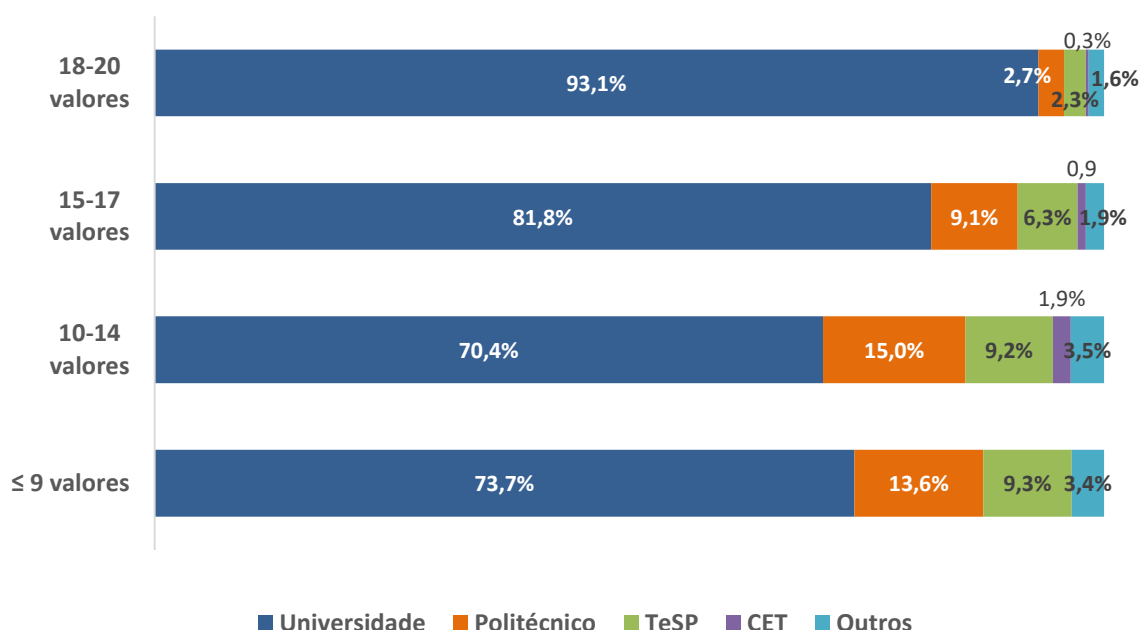


Nota: TeSP – Curso técnico superior profissional; CET – Curso de especialização tecnológica
 Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Importa realçar que os alunos dos CP foram os que mais optaram por TeSP (32,5% face a 3,1%) e pelo ensino politécnico (14,9% face a 10,3%) (Figura 33).

A média global das classificações no último momento de avaliação, mostra que os alunos com médias mais elevadas, superiores a 18 valores, desejavam ir para a universidade (93,1%). E aqueles que indicaram ter classificações mais baixas, e inclusive classificações negativas, pretendiam ir mais para o ensino superior politécnico ou TeSP (Figura 34).

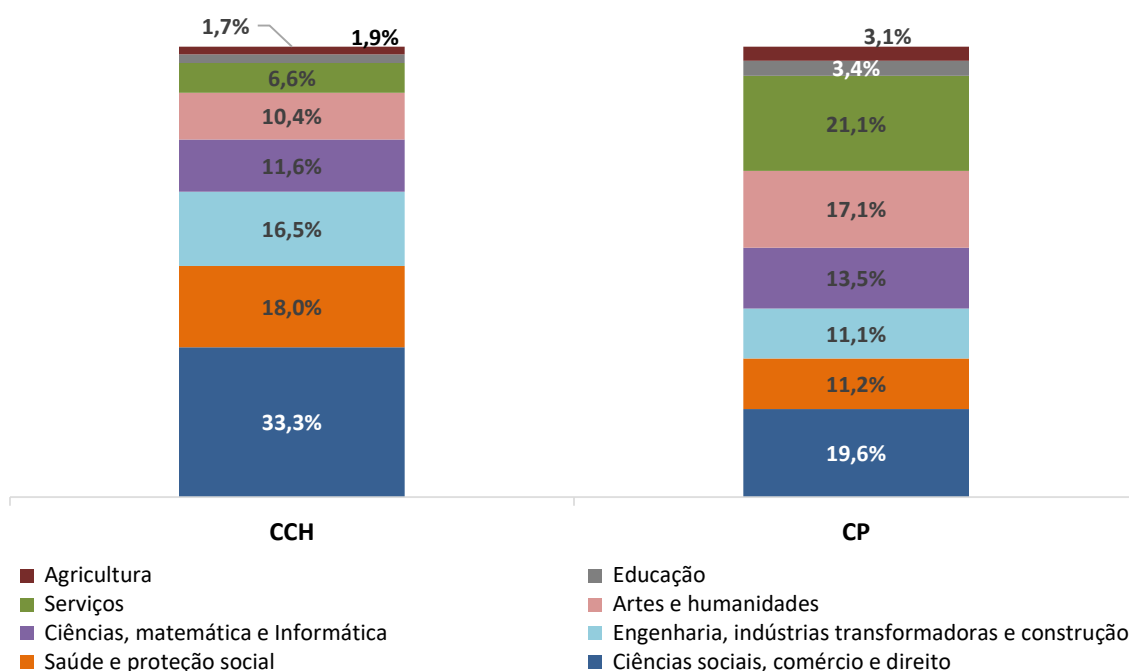
Figura 34 – Estudantes, por média global das classificações no último momento de avaliações e formação esperada no pós-secundário



Nota: TeSP – Curso técnico superior profissional; CET – Curso de especialização tecnológica
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Relativamente às áreas de estudo que os estudantes escolheram para frequentar no pós-secundário, quer seja no ensino superior (licenciatura, mestrado integrado, TeSP), quer em cursos de especialização profissional (CEF, CET, entre outros), tanto para os alunos que frequentavam os CCH como para os alunos dos CP, destacaram-se as ciências sociais, comércio e direito (33,3% e 19,6% respetivamente). As áreas da saúde e proteção social (18,0%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (16,5%), eram as mais pretendidas pelos estudantes dos CCH, sendo a área dos serviços (21,1%) e artes e humanidades (17,1%) as mais pretendidas pelos estudantes dos CP (Figura 35).

Figura 35 – Estudantes, por oferta de educação e formação e área de estudo ou formação pretendida



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

A média global das classificações dos alunos também se evidencia como elemento diferenciador na escolha dos cursos, observando-se que quanto mais elevados eram os recursos escolares, mais os estudantes escolheram a área da saúde e proteção social (10-14 valores – 14,4% e 18-20 valores – 31,9%), e a área de ciências, matemática e informática (10-14 valores – 12,8% e 18-20 valores – 24,7%). Por outro lado, na área das ciências sociais, comércio e direito, foram os estudantes com classificações mais baixas que revelaram maior preferência (10-14 valores – 32,4% e 18-20 valores – 22,3%) (Quadro 1).

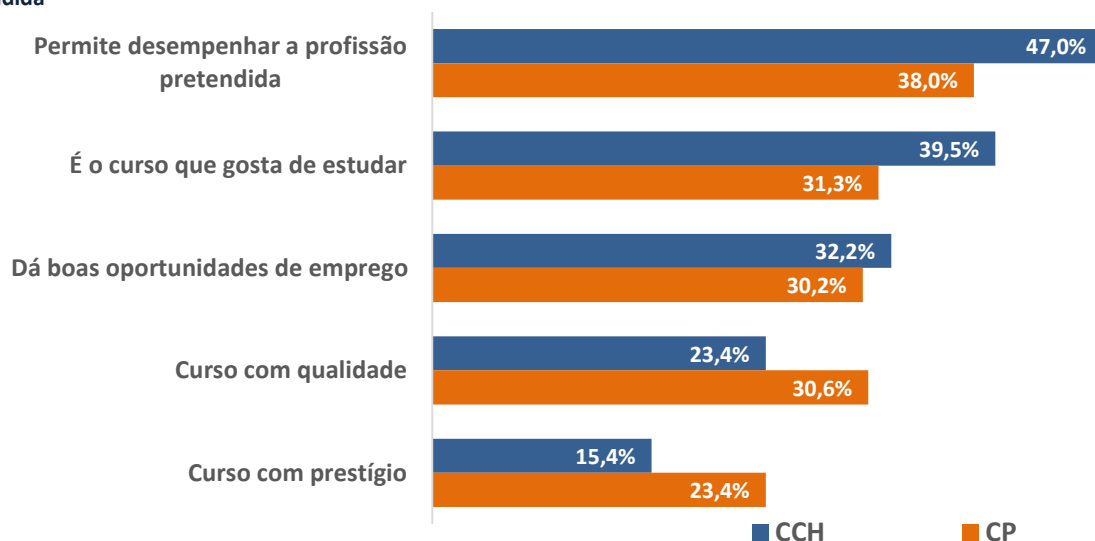
Quadro 1 – Estudantes, por área de estudo ou formação pretendida e média global das classificações no último momento de avaliação

Área de estudo	≤ 9 valores	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
Ciências sociais, comércio e direito	47,4	32,4	33,1	22,3
Saúde e proteção social	-	14,4	15,8	31,9
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	24,0	13,0	6,1	1,1
Ciências, matemática e Informática	10,6	12,8	17,2	24,7
Artes e humanidades	12,2	11,4	11,5	6,6
Serviços	5,8	11,1	12,8	12,1
Educação	-	3,1	1,3	0,3
Agricultura	-	1,9	2,1	1,0

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

A escolha da área de estudo do curso a seguir pode ser difícil, e ao mesmo tempo, essencial para o futuro escolar e profissional dos estudantes. Neste sentido, considerou-se pertinente compreender quais as motivações para escolha da área de formação ou curso pretendido no pós-secundário. Desempenhar a profissão desejada, ser o curso que gostariam de estudar, oferecer boas oportunidades de emprego e a qualidade do curso foram as razões mais apontadas pelos estudantes. Com exceção da qualidade do curso, as restantes razões foram sempre mais referidas pelos estudantes inscritos nos CCH (Figura 36).

Figura 36 – Estudantes, por oferta de educação e formação e principais razões para a escolha da área de formação/curso pretendida



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Relativamente às expectativas profissionais futuras dos alunos, e mais precisamente aos 30 anos de idade, incidiam principalmente no grupo profissional relativo aos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (CCH 70,8% e CP 38,8%). Os alunos inscritos em cursos profissionais também ambicionavam ser “técnicos e profissionais de nível intermédio” (20,9%) e “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (16,7%) (Quadro 2).

Quadro 2 – Estudantes, por oferta de educação e formação e expectativa profissional¹ aos 30 anos de idade

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	CCH	CP
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	11,5	8,2
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	70,8	38,8
Técnicos e profissionais de nível intermédio	10,1	20,9
Pessoal administrativo	0,8	3,0
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	5,0	16,7
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0,2	1,2
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	0,9	7,4
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	0,3	1,1
Trabalhadores não qualificados	0,4	2,7

Nota: ¹ Classificação portuguesa das profissões (CPP2010), ao nível do Grande Grupo.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Anexos

Para enquadrar a análise apresentada no estudo, descreve-se abaixo, sumariamente, as ofertas de educação e formação do ensino secundário e pós-secundário abrangidas nos questionários do OTES.

Tabela 1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação com equivalência ao ensino secundário abrangidas no OTES

Cursos	Descrição	Destinatários	Duração
Científico-Humanísticos (CCH)	Oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de carácter universitário ou politécnico. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	
Ensino Artísticos Especializado (EAE)	Formação nas áreas da dança, da música e das artes visuais e dos audiovisuais. Estes cursos estão orientados na dupla perspetiva do prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior e da inserção no mundo do trabalho. Nestes cursos a avaliação assume modalidades diferentes em função da vertente artística de formação, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação, e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Profissionais (CP)	Os Cursos Profissionais (1) contribuem para que se desenvolvam competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão; (2) privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais; (3) preparam para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior. A conclusão, com aproveitamento, confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Três anos do ciclo de formação modular, a gerir pela escola.
Cursos Tecnológicos (CT)	São cursos profissionalmente qualificantes, orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica e para o ensino superior. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Vocacionais (CV)	Estes cursos procuram dar resposta às exigências da saída profissional que se pretende obter. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens a partir dos 16 anos de idade com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente.	Têm duração de dois anos e uma estrutura curricular organizada por módulos.

Tabela 2 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação pós-secundária, abrangidas no OTES

	Cursos	Descrição
Ensino superior (Universitário ou Politécnico)	Licenciatura	Nível de ensino que compreende o ensino universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas.
	Curso técnico superior profissional (TeSP)	Destinam-se a: jovens com o 12.º ano ou equivalente; alunos que tenham sido aprovados nas provas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos, realizadas para o curso em causa; alunos que tendo obtido aprovação em todas as disciplinas dos 10.º e 11.º anos de um curso de ensino secundário ou equivalente que sejam considerados aptos através de prova de avaliação de capacidade; e os titulares de um diploma de especialização tecnológica, de um diploma de técnico superior profissional ou de um grau de ensino superior, que pretendam a sua requalificação profissional. Estes cursos têm 120 créditos, a duração de quatro semestres letivos e diploma de conclusão do ensino secundário e qualificação profissional de nível 5.
Ensino Pós-Secundário não superior	Curso de Especialização Tecnológica (CET)	Formações pós-secundárias não superiores que preparam para uma especialização científica ou tecnológica numa determinada área de formação. A organização do curso tem componentes de formação em contexto escolar e em contexto de trabalho e uma qualificação profissional de nível 5.
	Curso de Educação e Formação (CEF – tipo 7)	São percursos flexíveis e ajustados aos interesses de cada aluno, constituindo-se como uma oportunidade de prosseguimento de estudos ou formação que permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho. A conclusão de um CEF de tipo 7, com total aproveitamento, confere uma certificação profissional de nível 4. Destinam-se a jovens titulares do 12º ano de um curso científico-humanístico ou equivalente do nível secundário de educação que pertença à mesma ou a área de formação afim. Têm um percurso com a duração de 1 ano.